

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS DE UMA ESCOLA DE PARNAÍBA.

Rita de Cássia da Conceição¹

Maria Noélia da Silva Pereira²

Eugênia Nogueira Barros³

GT-22- Leitura, escrita e alfabetização: metodologias e formação docente

RESUMO

Na busca de compreender, o porquê de muitos alunos chegarem ao Ensino Fundamental Menor, sem que tenham desenvolvido o processo de leitura e escrita, foi o que nos motivou a pesquisar como os professores das séries iniciais estão aplicando os seus métodos e práticas de ensino nas salas de aula, para isso utilizou-se a pesquisa qualitativa com o intuito de coletar dados diante de tal realidade. Tendo em vista que, até o determinado momento, pôde-se perceber que inúmeras são as dificuldades apresentadas pelos docentes em adequar-se a essas novas metodologias e técnicas, principalmente no que se refere ao intercâmbio entre as vivências inerentes a cada aluno e a realidade da sala de aula. O estudo foi baseado na concepção dialética da pesquisa, dessa forma, foram utilizados relatórios, estudo de caso, revisões literárias, observações e entrevistas semi-estruturadas com os sujeitos em questão. Em decorrência dos fatos analisados haverá várias contribuições diante dos debates e esclarecimento a cerca dos possíveis problemas que envolvem as práticas, os procedimentos e o processo de ensino-aprendizagem na alfabetização.

PALAVRAS-CHAVES: Práticas e Métodos. Processo de alfabetização. Professor

1. Introdução

O presente artigo tem como principal objetivo mostrar algumas situações tediosas que permeiam grande parte das nossas escolas, principalmente as instituições públicas, ou seja, as dificuldades encontradas na transmissão e/ou absorção de conteúdos pelos docentes e discentes. Pois, o que se percebe é que as crianças que estão iniciando o processo de leitura e escrita demonstra não assimilarem o que lhes é transmitido, sendo que o aprendizado não ocorre em sua maioria, e esses alunos vão passando ano após ano sem um aprendizado de qualidade, e sem um mínimo de domínio sobre a escrita e a leitura, e a consequência disso é que eles se tornam leitores funcionais e semianalfabetos que não tem a capacidade de interpretar o que lê. Sabe-se que esta situação é inaceitável, uma vez que ao longo dos anos a

¹ Autora, aluna do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí. UFPI, cursando o 7º período do curso. Bolsista do PIBID Programa Institucional de Bolsa de iniciação a docência.

² Coautor, Aluno do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí. UFPI, cursando o 7º período do curso.

³ Coautor, Aluno do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí. UFPI, cursando o 7º período do curso.

educação destacou-se dentre os governantes deste país, ganhando atributos necessários para que educadores inovassem suas práticas dentro das salas de aula, não se limitando apenas o quadro e o giz.

O conhecimento já não se restringe apenas ao interior das escolas, deveriam ir além do que se exigia, afinal vivemos uma realidade que está em constante transformação, estabelecendo que nos qualifiquemos ou então somos passados pra trás. Exige-nos padrões cada vez mais altos, e seguindo estes novos padrões ressaltaram a necessidade de inovações dentro do campo educacional, que complementem o conteúdo transmitido nestas instituições, tornando a educação transformadora e necessária a todas as classes. Sendo este um dos fatores que deu início a grandes avanços voltados a educação brasileira. Criam-se então inúmeros programas com intuito de melhorar o ensino ofertado à população brasileira, dentre estes, os laboratórios de informática dentro das escolas, com finalidade de abranger alunos de diversas classes sociais, inclusive os das camadas baixas, que são em sua maioria os frequentadores da escola pública no Brasil e os que têm menos ou quase nenhum acesso às novas tecnologias.

Diante do constante desenvolvimento surge a todo instante, desafios voltado ao mercado atual, ocasionando a necessidade de encontrar pessoas qualificadas que preencham a demanda exigida, e acreditando que a interação com equipamentos tecnológicos desenvolveria de forma lúdica um conhecimento válido nestes estudantes. O sistema educacional investe então neste novo artifício, inovando a maioria das escolas públicas, mas infelizmente, o que se tem presenciado é o desinteresse total por estes laboratórios, “sendo que muitos funcionam em salas que dificilmente são abertas para uso dos alunos”, estando muitos destes engavetados nas escolas, recebendo destaques apenas em jornais, noticiários de TVs e revistas.

O fato das instituições públicas estarem equipadas com estas ferramentas não muda muito o cenário da educação, no entanto, o que incidiu foi apenas uma troca de vestimentas, ou seja, o giz cedeu lugar ao pincel, os aparelhos de TVs aos computadores, mais de nada adiantou se os métodos ainda são transmitidos da mesma forma, permanecendo os mentores deste processo enraizados a costumes ultrapassados, como aponta Perrenoud, “Uma das maiores dificuldades da inovação é a capacidade que as pessoas e instituições têm de reinterpretar as novas ideias em função das antigas, e de assimilar as práticas mais inovadoras à lógica das tradicionais”. (PERRENOUD, 1988) tendo em vista que alguns professores ainda encontram dificuldades na inovação dos métodos aplicados por eles, estando com a ideia do método tradicional arraigado as suas formas de ministrar as aulas.

Portanto, mesmo com estes problemas que sucedem dentro das escolas públicas não se deve negar o quanto à educação evoluiu, trata-se de uma educação com escolhas, contrária aquela que era imposta aos índios no período colonial, como mostra Mool, “catequizar os índios para a conversão do catolicismo e para a servidão” (2009.p.14). Sendo notáveis os avanços tecnológicos que estão presentes nas escolas públicas, no entanto, ainda são facilmente encontradas crianças que já deveriam estar alfabetizadas, apresentando dificuldades na forma de escrita e principalmente na leitura.

Durante a pesquisa será necessário investigar, como os docentes estão empregando as práticas pedagógicas e de que forma acontece o processo de alfabetização dentro das salas de aula a fim de identificar quais são os reais problemas presentes e que assolam o processo de ensino aprendizagem. Todavia, é necessário discutir e tentar solucionar o problema onde é percebido com maior facilidade nas instituições de ensino públicas atingindo principalmente as séries iniciais em relação à leitura e escrita, porém não é tarefa simples, é indispensável que os envolvidos no processo pedagógico estejam refletindo para entender o motivo que leva o fracasso dos alunos que concluem o ensino fundamental sem que estes tenham desenvolvido suas potencialidades de aprendizagem.

Entretanto, para atingir melhor esses objetivos é preciso compreender como está ocorrendo à alfabetização no cotidiano escolar, ou seja, quais são os verdadeiros procedimentos e metodologias aplicadas pelo docente e que conseqüentemente, envolvem o processo de aprendizagem na leitura e escrita dos discentes, sendo que é de suma relevância que a alfabetização seja aceita e entendida como um processo pelo qual está em constante discussão pelos teóricos e pesquisadores, o qual é enfatizado diversas vezes que apesar de novas práticas e métodos utilizados para dar mais resultado na educação, não está havendo o fundamental para ocorrer o aprendizado com êxito nas séries iniciais.

É importante ressaltar, que o bom professor alfabetizador deve conhecer quais são os seus saberes e práticas pedagógicas para que ele possa desenvolver com mais eficiência um excelente trabalho no decorrer de suas aulas, sendo que assim, estará desenvolvendo a capacidade de leitura e escrita e também o senso-crítico do aluno para que o mesmo tenha uma visão mais ampla em relação ao mundo em que vive, ou seja, compreendendo outros enfoques relacionados ao conhecimento.

Segundo a LDB nº 9.394/96 (art. 1º), a educação vem abrangendo os processos formativos que se envolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, e principalmente nas constituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Portanto, o processo educacional acontece

em todos os espaços sociais e em diferentes formas de relacionamento humano, logo, a educação pode ser extraescolar e escolar, devendo a escola desenvolver-se por meio do ensino vinculando-se aos fatos da vida social. Assim é reconhecido que há aprendizagem fora da escola e que esse saber deve ser valorizado pelo professor. No entanto, podemos perceber nitidamente que durante o processo de alfabetização a criança já demonstra possuir seu próprio conhecimento de mundo, oriundo de suas vivências fora do âmbito escolar e que a escola não permite que a mesma desenvolva na sala de aula.

Pois muitos acreditam, que estão no lado externo das escolas as respostas para que não haja o aprendizado destes alunos, mas as falhas encontradas na educação não são exclusivamente culpa do sistema educacional, alguns autores apontam diversos fatores que contribuem em grande parcela para que essas falhas ocorram. Como destaca Carvalho (2009) acreditando ser a pobreza uma das maiores causas das ausências de crianças nas salas de aulas, decorrendo então o analfabetismo, sendo que as famílias na falta de condições para se sustentarem, levam seus filhos desde cedo a trabalhos que lhes roubam todo o tempo, não havendo assim um momento para frequentarem a escola.

Ela ao mesmo tempo ressalva que existem condições inadequadas para que possa dar continuidade ao ensino, uma jornada escolar insuficiente, professores incapacitados e despreparados, os métodos que são inadequados, os recursos didáticos desinteressantes e a falta de bibliotecas, incluindo, também as salas de leituras. Diante disso, o Brasil chegou ao século XXI sem ter resolvido o grande problema do analfabetismo. De acordo com IBGE, o índice nacional de analfabetismo era de 11,6% em 2003, incluindo as pessoas de 15 anos ou mais.

Para tanto, procuraremos identificar como as nossas escolas vêm aplicando sua metodologia e quais são os procedimentos utilizados para o processo de alfabetização. Sendo nessa perspectiva que algumas indagações permeiam a nossa pesquisa, de que forma a escola vem conduzindo o processo de alfabetização das crianças? Que práticas pedagógicas melhor sinalizam para a aquisição da leitura e escrita? Não sabendo ao certo, quem ou quais são os verdadeiros responsáveis pela grande quantidade de indivíduos não alfabetizados no país? Questionando por que mesmo depois de capacitações, aprimoramentos ofertados para grande maioria de educadores e instituições de ensino, investimentos em programas sociais, em materiais didáticos e tecnológicos, ainda é presenciado problemas no aprendizado destes alunos? Por que mesmo depois destes avanços não se viu mudança como se era esperado? Sendo que são notáveis e constantes as falhas que surgem nos métodos e práticas aplicados a estes alunos.

2. Práticas pedagógicas e o processo de alfabetização

Esta pesquisa tem como embasamento os estudos de alguns autores que no decorrer de nossa pesquisa foi de suma relevância e dentre eles destacou-se: Gontijo, Jacqueline Mool, Emília Ferreiro, Marlene Carvalho e outros que sempre enfatizaram a alfabetização como um fator essencial para a sociedade, investigando como é adquirido esse procedimento e quais os fatores que influenciam para que exista sucesso em muitos métodos aplicados.

Gontijo (2002) ressalta que a alfabetização é vista como um processo sócio-histórico e cultural, no qual preenche a necessidade fundamental das crianças e dos seres humanos de inclusão na genericidade para si, portanto, a alfabetização, como dinâmica da relação entre a apropriação e a objetivação, é um processo voltado para a introdução de indivíduos na continuidade da história.

Preocupados com o rumo de que seguiria a educação nos anos que ainda estavam por vir, vários teóricos buscaram entender como acontecem os processos de transmissão no aprendizado que são repassados para as crianças, dentre eles Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) que em suas pesquisas estudaram como se dá o processo de aquisição da língua escrita e quais procedimentos eram ostentados na fundamentação daquele aprendizado ressaltando que o maior interesse deles era compreender qual era o processo de construção da língua escrita, contudo focaram situações experimentais onde a criança evidenciasse a escrita como ela a vê e conseqüentemente a leitura tal como ela entende.

Gontijo logo ressalva que:

Os métodos de alfabetização amplamente divulgados no Brasil são os tipos analíticos (que iniciam o processo de alfabetização do todo para as partes) e sintéticos (das Partes para o todo), sendo exemplos dos primeiros os métodos fônicos e silábicos. Com relação ao método sintético, Ferreiro e Teberosky (1989), afirma que inicialmente se pensou que os elementos mínimos da escrita fossem as letras e, por isso, durante muito tempo, as crianças aprenderam a ler e escrever pronunciando as letras e estabelecendo as regras de sonorização ao da escrita. (GONTIJO, 2002, p. 05)

Durante muito tempo a alfabetização baseava-se somente no ato de saber ler e escrever, ou seja, decodificando palavras, não se importando com o entendimento das crianças em relação ao que era lido, pouco valor se dava à quais práticas eram fundamentais para aquele aprendizado, porém com o passar do tempo novas transformações surgiram, exigindo com isso formas diversificadas de ensinar e lecionar através de métodos mais seguros e embasamentos que repassassem segurança no que era transmitido.

Emilia Ferreiro explica:

A prática do ensino da língua escrita que nada vê além do método, da prontidão, dos testes classificatórios e das cartilhas consideradas como eixos condutores de todo o trabalho pedagógico, constitui-se um equívoco reducionista que ignora a abrangência sociocultural da língua escrita e a riqueza do processo de apropriação deste conhecimento. (FERREIRO, 2001, p.64)

É indagado nessa afirmação que o professor, está preocupado apenas em definir como o aluno deve aprender através de seus métodos e das cartilhas impostas por eles, tudo isso sem levar em consideração o que realmente esse aluno sabe e quais conhecimentos ele trás consigo para desenvolver na sala de aula.

Para Mool, (2009), “Sem mencionar os professores como vilões ou vítimas do processo apontam-se a falta de instrumentalização teórica dos professores e de inserção no contexto dos alunos como impedidos para a realização de um trabalho de mais qualidade”. (p.128). Contudo, o que está faltando é o interesse do professor em buscar novos instrumentos que possam possibilitar e ajudá-lo, diante das dificuldades encontradas no cotidiano nas salas de aula, para que assim, ele venha a desenvolver o seu trabalho com mais condição e qualidade para despertar o empenho de seus educandos.

Em seu livro Marlene Carvalho faz uma diferenciação entre a alfabetização e letramento, porém eles estão interligados, enfatizando que existe uma contestação entre um indivíduo alfabetizado e letrado, mostrando então a importância do sujeito que é considerado letrado e assim sendo, o mesmo irá formar-se em um excelente leitor e sempre dialogando com os autores lidos e refletindo sobre o que eles nos falam e confrontando as suas opiniões com as nossas próprias ideias.

[...] a diferença está na extensão e na qualidade do domínio da leitura e da escrita. Uma pessoa alfabetizada conhece o código alfabético, domina as relações grafofônicas, em outras palavras, sabe que sons as letras

representam, é capaz de ler palavras e textos simples, mas não necessariamente é usuário da leitura e da escrita na vida social. Pessoas alfabetizadas podem, eventualmente, ter pouca ou nenhuma familiaridade com a escrita dos jornais, livros, revistas [...] Letrado, no sentido em que estamos usando esse termo, é alguém que se apropriou suficientemente da escrita e da leitura a ponto de usá-las com desenvoltura, com propriedade, para dar conta de suas atribuições sociais e profissionais. (CARVALHO, 2009, p. 66)

Enfatiza Soares (1998), que para formar indivíduos letrados é necessário que o Brasil resolva o problema da alfabetização, sendo que carece enfrentar as novas exigências educacionais, pois segundo ele, não basta apenas ler e escrever, é preciso fazer uso da leitura e escrita, respondendo as cobranças que a sociedade faz constantemente. Já em países desenvolvidos em que o analfabetismo já se encontra superado, é esperado que a escola desenvolva o processo de letramento, contudo, formar indivíduos com capacidade de utilizar a leitura e escrita para fins escolares, culturais e profissionais.

Portanto, diante da pesquisa que foi especulada, onde a mesma nos demonstrou que o processo de aprendizagem inicia bem antes de o aluno ser inserido no âmbito escolar, ou seja, ela não é uma tábua rasa, e o conhecimento que a criança trás consigo é adquirido através da interação e do convívio com pessoas que tem a leitura como hábito, e isso influenciam a mesma a buscar entender como se adquire a leitura, ou até mesmo acredita que já a tenha.

Pois seus conhecimentos não são adquiridos apenas através de técnicas e métodos transmitidos na escola, como Ferreiro aborda: “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvidas, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, são recebidas passivamente pelas crianças”. (FERREIRO, 1985, p.24). Contudo é notório que alguns professores não aceitam que os discentes iniciem a leitura e a escrita no exterior da escola, pois acreditam que se trata de um estágio fora dos padrões exigidos por eles, causando assim implicações que dificultam na clareza da escrita dessas crianças.

Este estudo teve como base a partir das concepções dialéticas da pesquisa com o intuito de focar com mais esclarecimento acerca do objeto em questão. De acordo com André (2005) a pesquisa qualitativa foi um método popular nos anos 80, sendo que, muitos pesquisadores recorriam as suas técnicas, inclusive os brasileiros. Nessa década Gatti (1992) localiza a primeira menção à temática da abordagem qualitativa encontrada nos *Caderno de Pesquisa* onde foi escrito num artigo pelo André (1983).

Abordaremos em nossos estudos a metodologia que tem como base o estudo de caso do tipo etnográfico. Segundo André (2005, p.41) “A pesquisa do tipo etnográfico, que se

caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária”. Haja vista que, a pesquisa conseguida poderá sofrer mudanças quando ocorridas situações em que o pesquisador não conseguir concluir seus estudos, por se tratar de uma pesquisa manuseada por uma pessoa, a mesma torna-se flexível. No decorrer do estudo, foram realizadas entrevistas e questionamentos e observações com os sujeitos envolvidos de uma instituição da rede pública onde a mesma é localizada na cidade de Parnaíba.

3. Observação

O objetivo do nosso estudo foi verificar os fins de aprendizagem empregados pelos diferentes métodos pedagógicos no Ensino Fundamental Menor do 2º ano, numa tentativa de contribuir para o benefício da alfabetização nas escolas da rede pública de Parnaíba. As discussões feitas ao longo de nossa pesquisa darão conta de importantes avanços nas produções teóricas a respeito do processo de alfabetização. Percebeu-se que dentro da prática escolar diversos fatores estão influenciados pela ordem sócio-política, sugerindo com isso diferentes concepções da sociedade e do homem, tendo como conseqüência direções contrárias nos pressupostos sobre o real papel da escola e da aprendizagem. Os estudos se realizaram, através de visitas no estabelecimento escolhido na cidade de Parnaíba, sendo que no primeiro momento procuramos identificar a real situação do objeto em estudo.

A instituição escolhida para a realização de nossa pesquisa é uma escola do Ensino Fundamental Menor, da rede pública municipal, localizada em um bairro da periferia da cidade de Parnaíba no Piauí. A escola funciona em um prédio amplo e de aparência acolhedora, na primeira visita preferimos conhecer as dependências daquele local. Logo na entrada havia um pátio onde crianças brincavam durante o recreio, visitamos a diretoria, a sala dos professores, a biblioteca e as salas de aula, existia em alguns lugares da escola cartazes, pinturas infantis e um divertido mural, o qual demonstrava em primeiro momento que a escola não seguia uma tendência tradicionalista. Em conversa com a diretora, explicamos o motivo da visita, pedimos permissão para falarmos com uma professora do segundo ano, necessitávamos aplicar um questionário com a mesma, sendo que aquele procedimento contribuiria significativamente para o estudo em que estávamos realizando. A Diretora foi muito atenciosa e nos conduziu a sala do segundo ano, onde ao entrarmos tornamo-nos alvo das atenções dos que ali se encontravam. Cumprimentamos a todos e pedimos licença, pois necessitávamos de

um pouco de atenção da professora, a sala ficou aos cuidados da gestora, e nos conduzimos a outra dependência da escola, uma sala utilizada para reuniões dos professores.

A educadora foi bastante compreensiva e se dispôs a responder o questionário que havíamos preparado para aquela ocasião. Em um primeiro momento, percebemos o nervosismo que a mesma demonstrava durante as nossas perguntas, decidimos então parar, e falar um pouco mais do nosso estudo e dos objetivos que almejávamos conseguir. Estávamos bem confiantes e acreditávamos que nossa pesquisa seria de grande contribuição para meio educacional, falamos que ela poderia ficar a vontade e só quando se encontrasse segura e tranquila para responder as perguntas ela prosseguisse. Em conversa, a professora falou-nos de algumas dificuldades que encontra em sua sala de aula, destacou uma que acontece frequentemente, trata-se dos deveres que passa para serem respondidos em casa e na maioria das vezes voltam como foram, alegando que alguns pais não se interessam pelas atividades escolares dos filhos, deixando esta responsabilidade apenas para a escola, sem entenderem, “afirma a professora” que se dedicassem alguns minutos para sentarem com seus filhos e pelos menos tentassem ajudar naquelas atividades o rendimento melhoraria bastante, contribuindo com isso para um bom aprendizado daquelas crianças.

Este questionamento fez com que refletíssemos um pouco, interrogando que em muitos casos as falhas não são encontradas apenas na escola, já vem se desenvolvendo a um logo prazo na vida destas crianças. Ao término da entrevista agradecemos a sua compreensão e pedimos permissão para em outro momento observarmos sua sala de aula. A professora permitiu que voltássemos quantas vezes fosse necessário, falando que estaria disposta a contribuir com a nossa pesquisa.

Durante a segunda visita a escola, nos foi permitido ficar dentro da sala de aula, e logo que entramos no local, observamos que as carteiras estavam postas em círculo, perguntamos a professora porque as utilizava daquela maneira, e ela justificou esta técnica por proporcionar uma visão mais abrangente dos alunos, pois a sala é composta por vinte e oito crianças, todos com idade que variava entre seis e sete anos. Escolhemos um lugar bem ao fundo e ficamos a analisar a aula da professora, logo de início ela fez a chamada, em seguida começou uma aula de português, passou uma tarefa que os alunos deveriam transcrever do quadro, eles copiavam e conversavam ao mesmo tempo, nossa presença ali, parecia não os intimidar, brincavam de quem terminava primeiro aquela atividade.

Não demorou muito, e a gestora da escola entrou na sala com outra professora, informava que naquele momento seria aplicada a Provinha Brasil, pediu à professora que estava em sala para sair por algumas horas e deixassem os alunos em companhia da outra

educadora, ela assim o fez e a sala ficou aos cuidados daquela professora, que logo pôs as carteiras em fileiras, atribuindo esta atitude para um melhor controle da sala, alegando que assim não haveria cola durante a realização do exame. Os alunos estavam tensos, pois a notícia da prova os deixou inquietos e preocupados. Continuamos na sala e observamos como se daria aquele procedimento, todos receberam o caderno contendo as perguntas, mais antes que eles abrissem foram lhes solicitados atenção, pois seriam repassadas algumas instruções, dentre elas, a que eles deveriam colocar o nome e o sobrenome na prova, mas a maioria respondeu que ainda não sabiam escrever o nome completo, colocariam apenas o primeiro nome.

Os alunos começaram então a folhear o caderno, acompanhando o que a aplicadora ordenava, mesmo que naquele momento, demonstrassem não entender o que lhes era repassado. Ao término de cada pergunta lida pela professora, algumas crianças falavam a resposta em voz alta, contrariando as instruções da mesma, sendo que esta situação não deveria acontecer, todos deveriam ficar em silêncio para responderem sozinho as questões, entretanto esta iniciativa fazia com que os colegas marcassem a resposta que era falada em voz alta. Percebemos que era uma prova apenas com questões objetivas, todas ilustradas com gravuras, facilitando com isso a compreensão dos discentes, no entanto o grau de dificuldade do teste aumentava nas páginas finais, ao chegarem às últimas questões deparam-se com pequenos textos, que deveriam ser interpretados por eles, e para que esse entendimento ocorresse era necessário uma leitura dos mesmos, pois só assim conseguiriam responder corretamente.

Ao convidar as crianças para lerem os textos, a professora ouviu das mesmas que não sabiam ler, a educadora não se surpreendeu e ignorou-os ao ouvir esta confissão, é como se esta informação não fizesse diferença alguma, não houve insistência da mesma para que a leitura fosse feita. No entanto, pediu que eles marcassem apenas o que soubessem, podendo deixar em branco as outras questões, não demoraram muito, as crianças terminaram a prova. O que achamos falho foi à forma como a prova foi aplicada para aquela turma, percebemos que em momento algum a professora preocupou-se no desempenho e muito menos no entendimento dos alunos durante a prova. Em decorrência ao grau de dificuldade da mesma, estava claro que seu término aconteceria por volta de umas duas horas, contudo, este processo durou cerca de trinta minutos. O que nos surpreendeu durante aquela observação, foi o descaso que a professora apresentou no momento da aplicação da Prova Brasil, sendo que ao nos informamos sobre a importância daquela avaliação descobrimos o quanto seu resultado

contribui para diagnosticar problemas na educação daquelas crianças, por tanto qualquer falha que ocorra durante a aplicação da prova poderá destorcer os resultados finais.

4. Considerações finais

Diante nossas pesquisas, é notório que ao mesmo tempo em que encontramos dentro da escola professores atentos e interessados na aprendizagem dos alunos, deparamos também com o oposto destes, como é o caso de algumas pessoas que estão de qualquer forma no âmbito educacional e não contribuem de maneira nenhuma para o avanço do sistema educacional, sem perceberem que se estão envolvidas com a educação, também são responsáveis pelos avanços e fracassos que decorrem em torno das instituições de ensino. E de acordo com alguns autores que lutam pelo uma educação mais abrangente, onde a alfabetização ocorra no meio de todos que a buscam, temos nosso estudo como um importante instrumento, que se fará de grande contribuição para algumas respostas que norteiam grande parte dos educadores e pesquisadores do nosso país.

Com o intuito de buscar uma solução através de nossas concepções dialéticas da pesquisa, onde a mesma foi baseada através de observações e fundamentos teóricos de alguns autores que também tem em vista um progresso no ensino de aprendizagem, como Gontijo, Jacqueline Mool, Emília Ferreiro e outros que no transcorrer de nosso estudo foram de suma importância para termos mais embasamentos em relação ao aprendizado dos alunos e as praticas pedagógicas, desenvolvidas na sala de aula pelos professores.

Percebemos que existem vários métodos para encontrar uma saída que visa aprimorar o procedimento na alfabetização e, conseqüentemente, no processo de leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental das escolas públicas de Parnaíba. Haja vista, que de acordo com o estudo realizado, foi notado o desinteresse de alguns docentes os quais não demonstram compromisso para a evolução da educação, sendo que outros apresentam dificuldades em adequar-se a essas novas práticas, porém, é preciso que os mesmos tenham tempo para rever as suas metodologias. Sem contar que ainda com todos esses problemas se tem o descaso com a educação, são o fato das salas de aulas superlotadas chegando a portar mais de trinta discentes por classe, somente para um educador.

Para finalizar faz-se necessário a contribuição, de Almeida (2009, p.11) sobre um dos fatores que geram as dificuldades de aprendizagem na alfabetização:

Há de se considerar ainda que existem dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita que são relacionadas às causas pedagógicas, ou seja, quando técnicas, métodos e ações educacionais não são condizentes com o potencial da criança. Isto quer dizer, quando os professores usam situações pedagógicas, que não possibilitam uma percepção ou, tampouco, um acompanhamento das ações educacionais. Este quadro vai se acumulando, e a criança fica sem o que chamamos de conhecimento de base [...] Resta-lhes, então, somar dificuldades em cima de mais dificuldades. Estas não existiriam se os métodos utilizados para com estes alunos fossem adequados às suas formas de ver e aprender seus conteúdos.

Portanto, para que ocorra uma qualificação no processo de ensino e aprendizagem é relevante que tenha uma reciclagem nas metodologias aplicadas, onde o docente desenvolva suas aulas com a finalidade para aqueles alunos que apresentam essas dificuldades. Existem ainda alguns estudantes que apresentam déficit na leitura e escrita, não sendo pela ausência de métodos por parte dos docentes, mas sim a deficiência de conhecimentos mais profundos de determinados conteúdos, levando ao educando conhecimentos insuficientes para interpretar textos que são vistos em seu cotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. Dificuldades em leitura e escrita: método fônico para tratamento. 1.ed. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 12.ed. Campinas, SP: Papirus, 2005.

BRASIL, Lei 9394- LDB- **Lei das Diretrizes e Base da Educação**, de 20 de dezembro de 1996.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 6.ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2009.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 24.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. 19.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GONTIJO, Claudia Maria Mendes. **O processo de alfabetização:** Novas contribuições. 1.ed. SP: Martins Fontes, 2002.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização Possível:** reinventando o ensinar e aprender. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

SOARES, Magna. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.